

A LÍNGUA PORTUGUESA EM ÁFRICA: TENDÊNCIAS E FACTOS¹

Mário Vilela*

0. Apresentação e delimitação do tema

0.1. *Línguas em contacto*

Expressões como “língua franca”, “línguas auxiliares”, “língua de comércio”, “pidgins”, “crioulo”, “variedades linguísticas”, “dialectos”, embora apontem para factos muito diversos, transportam conceitos que se aplicam (ou aplicaram) à língua portuguesa, nomeadamente, em relação ao português do continente africano. As expressões língua franca, língua de comércio, “pidgin”, designam formas linguísticas de contacto entre povos com línguas diferentes. Não constituem a língua materna de ninguém: todos os falantes de “pidgin” - expressão que aqui tomamos como denominação genérica - têm outros meios de expressão. Trata-se de uma língua que não comporta a capacidade de exprimir sentimentos como a ironia, a expressividade, a tristeza. Uma das possíveis evoluções dos “pidgins” é desaguarem em crioulos: estes são já uma língua criada com base lexical (ou mesmo gramatical) noutra língua.

Dou exemplo de uma língua franca, uma língua de comércio, o **sabir**, que em finais da Idade Média era um “pidgin” de base portuguesa e que, durante os Descobrimentos, serviu de ponto de ligação na Guiné (que depois se tornou o crioulo da Guiné), em certas zonas de influência castelhana (donde deriva o chamado “papiamento”), na Jamaica (de influência inglesa), nas ilhas Maurícias (de influência francesa), no africaans (de influência holandesa), no neomelanésio (de influência inglesa)².

¹ Este texto foi apresentado na Universidade de Toronto (Canadá) no “Symposium Windrose: Portuguese in the Four Corners of the World” (realizado em 25-26 de Outubro de 1997).

* CLUP e Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto

0.2. Bilinguismo e diglossia

Designações como **bilinguismo** (ou multilinguismo) apontam também para “línguas em contacto”³. Os mesmos falantes, alternadamente, usam línguas diferentes. O lugar de contacto das línguas é constituído pelos próprios falantes. Estamos perante uma definição psicolinguística de “línguas em contacto”: o indivíduo constitui o “locus” do contacto. Há uma outra interpretação do conceito de “línguas em contacto”: o “grupo” constitui o centro. E agora temos já uma definição sociolinguística: os mesmos grupos falam alternadamente diferentes línguas. Temos assim bilinguismo (ou multilinguismo) de indivíduos e bilinguismo (ou multilinguismo) de grupos. Por outras palavras, entende-se por contacto de línguas ou bilinguismo a existência de duas ou mais línguas faladas pelos mesmos indivíduos ou pelos mesmos grupos de indivíduos.

O **resultado** das línguas em contacto pode ser muito diverso:

- as línguas não se alteram, apenas se misturam com a mudança de código no mesmo enunciado (=codesswitching),

- todo o enunciado ou parte dele é repetido numa segunda (ou terceira) língua, dando-se portanto apenas a mudança de código: a chamada estratégia de neutralização para evitar a incompreensão,

- o enunciado é feito numa língua segundo o modelo de outra língua: são as chamadas interferências e transferências,

- uma das línguas perde-se no decurso do tempo: temos a mudança / a perda definitiva da língua,

- verifica-se uma divisão de “domínios” de uso entre várias línguas em contacto: a situação a que se chega com o evoluir do tempo e da sociedade. As línguas distribuem-se pelos vários domínios da vida, afectando cada uma a si um dado domínio. É a chamada **diglossia** (ou bilinguismo especial).

0.3. Dialectos e outros “lectos”

Há outras variáveis a considerar, tais como **dialectos** (variedades regionais de uma mesma língua), **sociolectos** (variedades de uma mesma língua por grupos sociais) e outros **lectos** ou variedades, dependentes de outras variáveis, tais como o sexo, a idade, as crenças

³ Cfr. Loreto Todd - *Pidgins and creoles*, 2ª ed., London and New York: Routledge, 1990 e Johannes Bechert / Wolfgang Wildgen - *Einführung in die Sprachkontaktforschung*, Darmstadt: Wiss. Buchges., 1991, 131.

⁴ Um conceito introduzido por Uriel Weinreich (*Languages in Contact, Findings and Problems*, New York: Circle of New York, 1953).

e os mitos colectivos, etc. Por exemplo, no contexto urbano, o português em África está em transformação evidente, ampliando-se o léxico por força da matriz bantu, os traços prosódicos alteram-se, há mesmo mudanças sintácticas. Nas ruas há a mistura de códigos, na escola impõe-se a norma, o que faz gerar a diglossia. Em Moçambique, nomeadamente no Maputo, o inglês vai-se transformando em língua franca: não se esqueça que são cinco os países de língua inglesa à volta; em Angola, Luanda é uma ilha em que a maior parte dos falantes tem o português como língua materna. Mas, na generalidade dos PALOP, a língua portuguesa tornou-se o meio oficial de comunicação, nos "media", na administração, na escola: mas as próprias culturas dos países africanos são múltiplas e dispare. E é uma língua exógena que filtra essas culturas. Por isso torna-se um tanto problemática a tentativa de caracterização do português africano⁴. Tendo sempre presente que há variedades segundo grupos socioculturais, segundo os meios em que a comunicação se processa (jornais, rádio, televisão), segundo a forma de realização (escrita/oral), segundo a situação (grau de formalidade, número e qualidade dos participantes) e segundo o objecto da comunicação.

1. Português língua nacional e língua oficial

A língua portuguesa tem existência, como uma das línguas nacionais e como língua oficial, em Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde; sob a forma de crioulo, na Guiné-Bissau, em Cabo Verde, em Casamanche e em Annobón (Pagalu).

O resultado da dupla qualidade do português língua nacional e português língua oficial – ou o futuro do português em África – posso resumi-lo nas afirmações de um jornalista: «Estou mais preocupado com a decadência (o termo é esse) de algumas línguas nacionais, nomeadamente o ronga. De referir que o português é a língua dos meus filhos (...) e, conseqüentemente, eles não falam o ronga. Eu sou bilingue.»⁵. O português começou a ter uma cor africana quando os PALOP determinaram que a língua portuguesa se tornasse a sua lin-

⁴ As descrições e caracterizações do português em África feitas por J. Leite de Vasconcelos (*Esquisse d'une dialectologie portugaise*, 1901), por Adolfo Coelho / Hugo Schuchardt – *Os dialectos românicos ou neo-latinos na África*, •Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa•, 2ª Série, 3/1880, 129-196), por F. Venâncio Peixoto da Fonseca (*O Português entre as línguas do mundo*, 1985), por O Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo (1983/1985), pelo *Projet de dictionnaire bilingue des particularités en Afrique de la langue portugaise écrite* (Rennes) e sobretudo pelos trabalhos dos Lusitanistas da Escola de Leipzig documentam a dificuldade da tarefa que temos entre mãos.

⁵ Albino Magaia – *Português em Cordel*, Dez. 1993 a Fev. 1994, pg. 8.

gua oficial. Ao contrário do que acontecia até ao final da era colonial, em que havia "correccão de erros", agora nota-se que a língua está em transformação, mas em que essa transformação ou é assumida ou, pelo menos, não é impeditiva de ascensão social.

2. O Português de Angola

De acordo com os dados de um mapa demográfico já bem antigo⁶, são dez as principais comunidades linguísticas de Angola, a saber:

- Umbundo (35, 7%)
- Kimbundo (22, 3%)
- Kikongo (12, 6%)
- Ulunda/uCokue (9, 1%)
- Cingangela/Mbunda (8, 7%)
- Olunyaneka/Lunkhumbi (6, 7%)
- Oxivambo/Oxikuanyama (2, 4%)
- Ocihelelo (0, 7%)
- khoisan (0, 35%)

Além disso, cada uma destas línguas admite uma ampla série de variantes. Apenas o Umbundo, Nyaneka (Olinyaneka), Nkumbi (Lunkhumbi) e parcialmente Kimbundu têm o ponto nuclear de expansão em Angola, as restantes línguas estão centradas fora de Angola. Serão estas línguas e suas variantes que constituem a maioria dos falantes.

Há, em seguida, o português: dado o contacto permanente entre os falantes portugueses e a população autóctone, não houve a criação de crioulos. A língua portuguesa pouco se afasta do português europeu e tornou-se, com o andar dos anos, língua materna de muitos angolanos, sobretudo dos da população urbana.

Há, no entanto, um novo registo exemplificado nos musseques (arredores de Luanda): cuja língua resulta da mistura do português com o Kimbundo⁷.

Se por um lado a língua portuguesa tornada língua oficial se

⁶ José Redinha - *Distribuição étnica de Angola. Introdução. Registo Étnico. Mapa*. Luanda: Edição do Centro de Informação e Turismo de Angola, 1963. Daremos entre parêntesis a percentagem de falantes, com alguma fiabilidade, relativamente à população em 1987.

⁷ Stern, I. (*A novelística de Luandino Vieira: Descolonização ao nível do Terceiro Registo*, in: «Luandino Vieira e a sua obra», Lisboa, 1980: 194) «O português é a língua dominante e bem estabelecida das figuras coloniais - os administradores portugueses, os comerciantes dos musseques, os patrões. A língua do povo dos musseques ... é o kimbundo. Quando estes dois grupos entram em contacto, em contacto entram igualmente as respectivas línguas, e o resultado é ainda o de um terceiro registo de comunicação que implica mudança de código e outras relações linguísticas entre as duas línguas.»

expandiu, por outro lado, não sendo já o português na norma europeia a porta de entrada para a ascensão social⁸, a constituição de uma variante angolana viu as portas escancaradas. Tanto mais que as elites europeias desapareceram, cubanos e brasileiros ocuparam lugares importantes, e por isso o modelo europeu de português deixou de estar tão presente.

Um dos domínios em que se nota uma certa afirmação angolana do português é no léxico: há novas formações e novos semantismos.

Novas formações:

-sufixações:

-*eiro*:

-em formas do português: *bicheiro*

-em palavras bantu: *kasakuteiro*, *kitandeiro*

-*ista*:

-em formas da língua bantu: *camanguista*, *carienguista*,
mabangista

- *dade*: *manobrilidade*

-prefixações:

-*des*: *desconseguir*, *desprogramar*, *desproteger*⁹

No domínio dos grupos nominais há a valorização de certos nomes, indicativos das linhas de força da vida angolana e, simultaneamente, indicativos de algumas das suas palavras-chave:

campanha de + nome

centro de + nome,

controlo de + nome,

etc.

Um dos factos mais interessantes nas variantes africanas, nomeadamente em Angola, são os chamados **neossementismos**:

deslocado (por causa da guerra)

esquema (por causa da influência dos países do antigo leste europeu)

olho gordo: feitiço, mau olhado

Outra espécie de neossementismo é o que se verifica na criação de categorias semânticas novas (=novos classemas):

«.. o riso saltava-lhe as mamas secas..»¹⁰

⁸ O antigo "português" deixou de ser uma marca negativa.

⁹ O prefixo "des" tem um desenvolvimento muito grande no português de Angola.

¹⁰ Lunadino Vieira - *Luuanda*, Lisboa, 1963, 21

« .. essa árvore ainda tinha coragem e força para ... crescer suas folhas verdes sujas ..»¹¹

Empréstimos:

O contacto entre as línguas bantu de Angola e o português vêm de longe: há objectos para os quais o português não tinha designações (fauna, flora), factos da economia, da cultura e das tradições africanas. Os bantuisms eram inevitáveis. Nos jornais – sobretudo nos comentários, nos chamados “folhetins” -, mesmo na rádio, surgem termos com designações próprias, como por exemplo:

- alembamento*: preço a pagar pela compra da noiva
- azimute*: barafunda
- bazar*: sumir, fugir
- bicheiro*: que está na bicha
- bumbar*: trabalhar muito
- camanguista*: explorador de diamantes
- canhangulo*: arma artesanal
- cariengue* (=‘gato’): trabalho escravo (*fazer cariengue, carien guista*)
- dikuenzo*: soldado, polícia
- estrilho*: barafunda
- estiloso*: queque, peneirento
- kamba*: amigo, camarada
- kazakuta* (=‘dança selvagem’): indisciplina (*kazakuteiro*)
- kilamba*: médico/ feiticeiro
- kinbo*: aldeia
- kitanda*: quiosque(e *quitandeiro*)
- kinda*:
- maka* (=‘história, problema’): discussão, zanga, barafunda
- maxima/maximbombo*: bus, autocarro
- malamba*: confusão
- musseque* (=‘areia vermelha’): aldeamento de barracas nos arredores de cidades
- muxima* (=‘coração’): centro da cidade
- xima* (=‘gato selvagem’): designação pejorativa de polícia
- xingar*: injuriar, chatear
- zagaiar*: fugir, sumir, cavar

A maior parte destes bantuisms provêm do Kimbundu e

¹¹ Id., *Ibid.*, 25

Umbundu. Embora a sua integração fónica e gráfica seja variável, o seu uso está totalmente enraizado.

Morfossintaxe:

As mudanças mais salientes da morfossintaxe reportam-se à -colocação dos pronomes objecto (e pronomes reflexos), em que há algumas alterações relativamente á norma europeia¹²,

-alteração das preposições em relação á sua regência, nomeadamente *em* e *a*¹³,

-confusão na regência entre *cd* (complemento directo) e *ci* (complemento indirecto)¹⁴, etc. Estas mudanças reportam-se também á língua escrita.

Estão a afirmar-se outras especificidades, mais frequentes na chamada língua falada e suponho que se trata em alguns dos casos de influências das línguas bantu, como, por exemplo, o emprego dos advérbios *devagar* e *depressa*¹⁵, a generalização de verbos "suporte"¹⁶.

Se quisermos tipicizar a linguagem dos musseques como uma forma oral do português de Angola, podemos estabelecer o seguinte:

-pronomes objecto:

- neutralização de género e caso no uso do pronome obj.(*cd/ci*)*ci* das 3^{as} pessoas singular e plural, generalizando-se o uso de *lhe* para essas funções¹⁷. Têm-se afirmado que esta não-distinção entre *cd* e *ci* se deve á influência bantu.

-há uma preferência pelo uso proclítico dos pronomes¹⁸. Também aqui se aduz a influência bantu.

-pronomes possessivos:

- o uso de *seu/sua*, *seus/suas* é evitado, preferindo-se *dele/dela*, *deles/delas*¹⁹

¹² Como: «O estudante liceal *se manifesta* aplicado» e «O representante daquela empresa disse que a oficina *encontra-se* também de um motor gerador».

¹³ «... apesar de vários tratamentos *em que foi submetido*»

¹⁴ «Um porta-voz nas Nações Unidas *recomendaram-no* a viajar nas próximas semanas por se encontrar cansado» e «De acordo com a composição da delegação gostaria *informar-lhe* o seguinte ...»

¹⁵ Em vez de *devagar* e *depressa* ocorre «com devagar» e «com depressa»: «Mama Naxa se soltou com depressa no abraço do filho e foi irritada, até no fim do quintal, enxotando os pintinhos da vizinha.» (L. Vieira - *Estória da Baciazinha de Quitaba*, Luanda, 1986: 13).

¹⁶ Por exemplo, a generalização do verbo *pôr* como auxiliar de formas verbais: *pôr mentira*, *pôr gritos*, *pôr perguntas*, em vez de *mentir*, *gritar*, *perguntar*.

¹⁷ «velha Xixi encosta as mãos na parede e sua amiga ajuda-lhe a levantar...» (L. Vieira - *Luuanda*, 3^a ed., Lisboa, 1972:30) e «Aliás, o dito Adriano acusou ali mesmo ... de lhe denunciar» (Pequetela - O cão e os calús, Lisboa, 1985:35) e «*Lhe percebemos logo*, e não tínhamos nada que lhe levar a mal ...» (C. L. Cardoso - *Baixa e Musseques*, Lisboa, 2^a ed., 1980:61).

¹⁸ «Te avisei ainda para ir lá, se você trabalha lá, ele *vai nos fiar almoço*» (Vieira 1972:17)

¹⁹ «A menina morena, de tranças castanhas ... A velha mãe *dela* ...?» (L. Vieira - *A cidade e a infância*, Lisboa, 1978: 106/7) «*tinha voz dela* doce outra vez e os olhos macios» (Vieira 1972: 99).

- formas de tratamento e concordância verbal:
 - em vez de «você é» do português europeu, usa-se «você és»²⁰, mas se a forma de tratamento for outra, a concordância não é tendencialmente a mesma, mas sim a 3ª pessoa²¹
 - as formas de tratamento podem variar relativamente à mesma pessoa²²

-fraseologias²³:

- alguém é um caxico*: “lambe-botas”
- estar completamente tonado/ xuxudado/pilhado/chibado*: “estar completamente bêbedo”
- vai dar kazukuta/ vai ser uma maka/ vai dar estrilho*: “vai dar sarilho”
- lá nos mabululas, lá no kimbo, lá nos fundos*: “lá no fim do mundo”, “lá no cu de Judas”:
- baicar*: “bater a bota”
- trabalhar bué, bumar bué*: trabalhar no duro,

-domínio das preposições:

O facto mais importante a salientar, no domínio das preposições, sobretudo em relação à linguagem dos musseques, é a alteração da valência e respectiva regência dos verbos, como acontece, por exemplo, nos verbos “dicendi/loquendi”, em que há perdas e ganhos semânticos por parte de algumas preposições. Vejamos o caso da preposição *em*. Esta preposição vê aumentar a sua frequência, acopulando-se aos verbos de movimento, aos verbos dicendi/loquendi.

Usa-se a preposição *em* em vez de *a* e *para* com verbos de movimento, e com valores opostos:

«... e corria *na* cubata, onde vavô, sempre sentado debaixo da mandioqueira ou na porta, sorria *no* sol» (Vieira 1972:13)

«Zeca Santos feliz com o vinho na barriga, atravessaram a rua de pedra, deixaram os pés levarem-lhes *no* cais de cabotagem, na muralha ...» (Vieira 1972:35)

Usa-se em vez da preposição *de*, com os verbos de movimento que regem essa preposição:

«... como naqueles dias de chuva quando a cobra do raio desce

²⁰ «*Você brinca* sempre perto da prisão, precisamos saber o que passa» (L. Vieira - *A vida verdadeira de Domingos Xavier*. Lisboa. 3ª ed. 1977: 135)

²¹ «Maneco! *Traga* a lata de torrar tujuba com ela» (Vieira 1986:14) e «Menino *tem* a certeza era uma “chivro” azul? Tem, mano Xico!» (Vieira 1977: 31).

²² «Não é daqueles brancos que te faz bem para você gostar dele ..» (L. Vieira 1977:31).

²³ A construção de fraseologias em português com cor angolana é um dos sinais da vitalidade da língua na configuração normal da realidade circundante. A fraseologia é sempre uma das marcas estereotípicas duma língua.

no céu»²⁴

«Mama saiu *no* fundo do quintal» (Vieira 1986:13)

Usa-se em vez de outras preposições (*diante de, em frente de, por*):

«Tinham parado *na* casa do soba...» (Rocha 1979:74)

« A outra pessoa ... tinha fugido *na* janelinha de trás» (Vieira 1977: 29)

Como nota digna de registo está o facto de a mesma preposição poder exprimir os valores direccionais de *para* e de *de* com o verbo *voltar*:

«Vocês voltam *no* musseque» (Vieira 1977: 18)

« .. e só mesmo à noitinha chegara *na* cidade. Tinha descido junto da missão, ..., foi a só andar um bocado, no meio do povo voltando *no* trabalho» (Vieira 1977:42)

Com os verbos *dicendi / loquendi*, e preposição *em* substitui as preposições *a, de, sobre, com*:

«Quando Domingo lhe falou *no* desaparecimento, levantou os olhos da planta... » (Vieira 1977: 18)

«Falei *no* chefe, jurei mesmo meu homem não é terrorista, não senhor...» (Vieira 1972: 30)

« ... e muitas mães que diziam *nas* filhas ...» (Vieira 1977: 58)

«... coisas que, muitas vezes, repetia *nos* meninos da mesma idade ...» (Vieira 1977:13)

«..., gritando *nos* monandengues ..» (Vieira 1972: 14)

Com outros verbos dá-se também a revalorização da preposição *em*:

«A isca, se você põe assim, está dar matabicho *nos* peixes» (Vieira 1977)

«Você vai roubar serviço *num* desses homens» (Vieira 1972: 43)

«Aquele mais velho que está tomar conta *nas* ferramentas» (Vieira 1986: 12)

«Tirou essa ideia *na* cabeça do amigo» (Vieira 1977: 42)

«Zito dividia a atenção *no* avô e *no* fio..» (Vieira 1977: 19)

A transitividade directa é substituída pela transitividade indirecta com a inserção da preposição *em*:

«... e agora quer ir jogar *no* futebol?» (Vieira 1985: 10)

²⁴ J. Rocha - *Estórias do musseque*. Lisboa, 1979: 75

« ... miúdo Zito, feliz, agarrando orgulhoso *na mateba* ...» (Vieira 1977: 24)

«E a voz de sá Zefa, sempre lamentando *no* filho, dói-lhe no coração»(Vieira 1977:35)

3. O Português de Moçambique

Cerca de 98% da população moçambicana pertence a comunidades de língua bantu. Integram-se estas comunidades no grupo sudeste, e apenas o Swahili, Maconde e Yao se integram no ramo leste das línguas bantu. No estado actual dos nossos conhecimentos, não sabemos quantas são as línguas de Moçambique, pois não há conhecimento seguro sobre se estamos perante simples dialectos e ou se efectivamente se trata de línguas. Seguindo Rzewuski²⁵ haverá em Moçambique nove grupos de línguas: Swahili, Yao, Makua-Lomwe, Nyanja, Nsenga-Sena, Shona, Tswa-Ronga, Shangana, Copi e Nguni. Acerca da dimensão destas línguas, não sabemos muito. Segundo indicações recolhidas em Maputo (Universidade Eduardo Mondlane), as principais línguas nacionais a servir de comunicação seriam: Swahili, Macua, Sena, Nyanja, Changana. Segundo indicações da mesma fonte, as línguas Makua, Nyanja-Sena, Shona e Tsonga seriam as línguas de 90% da população. Mas qual o número de pessoas que comunica em português ou nas línguas africanas, as percentagens não coincidem. Nas necessidades quotidianas, na música, usam-se as línguas nacionais. Há emissões de rádio em algumas línguas nacionais.

3.1. Língua portuguesa²⁶

No final do tempo colonial apenas falaria português 15% da população²⁷. A partir daí o ensino do português passou a ser orientado pelo Estado, do que resultou uma expansão de aprendentes do português e, por conseguinte, de falantes. Embora se deva reconhecer que a aprendizagem espontânea tenha diminuído. O "sistema nacional de educação" (a partir de 1983) e as "campanhas de educação de adultos" levaram por diante não só a aprendizagem do português como abriram a porta à língua portuguesa como língua

²⁵ Rzewusky, E. - *Línguas de Moçambique em classificação de M. Guthrie*. Maputo, 1978.

²⁶ Cfr. Graça Machel - *Contribuição para a Definição de uma Política Linguística na República Popular de Moçambique*. SEC, 1989 e «(Projecto) *Processo de Importação de Neologismos de Origem Bantu no Português de Moçambique*» (UEM).

²⁷ Cfr. M. Saraiva Barreto - *Aspectos da lusofonia em Moçambique*, in: *Comunicação ao I Encontro Nacional Para a Investigação e Ensino do Português*. Lisboa (1976, pg. 6).

nacional. A rádio, os jornais, a televisão, passaram a ter problemas de língua nos seus programas e páginas. Há na rádio um sistema de consultas e programa de correcção de erros do português em relação à norma europeia. A afirmação de um português de Moçambique passou, por outro lado, a ser um motivo de orgulho. O português escrito é, por via de regra, muito próximo do da norma europeia.

O português falado, por parte dos que chegam agora a esta língua, o português corrente, apresenta diferenças nítidas em relação à norma europeia.

No plano **fonológico/fonético**:

-nasalização incompleta

-a não distinção entre algumas consoantes áfonas e surdas(d-t, k-g).

-a não distinção entre as alveolares /l/ e /r/

-a não distinção entre /r/ e /R/

No **plano morfológico**²⁸:

-ausência de artigo:

fui buscar livro

cortar cabelos

-concordâncias:

os granizo começou

eu esperou

eu compra o lápis

-concordância do participio passado com o cd

ele tinha roubados gatos

-uso alterado das preposições *em, de, a*, sobretudo com os verbos de movimento:

fui na escola

cheguei em casa

-o pronome pessoal dativo é ignorado:

diz a ela que estou bem;

encontrei ela na rua;

lhe é usado em vez de *o / a*, e vice-versa:

vi-lhe ontem,

disse-a a verdade

-há variabilidade na colocação dos pronomes:

me diz a verdade,

nunca falei-lhe disto,

²⁸ Algumas das informações aqui apresentadas foram recolhidas em: Fátima Ribeiro - *O Português da Imprensa*, Maputo, 1985.

-«O concelho cristão de Moçambique também *diz-se intrigado* com as estruturas da IURD em Moçambique»(MediaFax, pg. 2)

-negação simples

«*nem difamou alguém*»

Formação de palavras/Lexicologia.

-formações analógicas:

desconhecer-desconseguir;

roubador- corredor,

desgovernado-despapelado

-generalização de verbos denominais, substituindo algumas formas com verbo suporte:

bichar (=fazer bicha),

barulhar (=fazer barulho)

confusionar (=fazer confusão).

o uso indiferenciado de verbos de movimento:

buscar, procurar, levar, trazer, ir, vir

-causativização de certos verbos:

transparecer: 'deixar/fazer transparecer'

Traços da **língua escrita**:

O português da língua escrita é, como dissemos, mais próximo do da norma europeia. A sintaxe, a morfologia estão próximas das do português standard, já o léxico mostra alterações e enriquecimentos vários:

-formação de palavras.

-sufixação: cursante, iniciante; farmeiro, machambeiro, marfineiro, taxeiro; miseramento, comandamento(=comando), interencionamento; lobolar, voluntariar-se, voluntarizar-se, confusionar (=fazer confusão).

-prefixação: desprogramar, desconseguir, desplanificação

-composição: feijão-nhembra, formiga muchém, etc.

-neossementismo (mudança de significado):

-afecção, arranjista (=música), caniço (=aldeamento de barcos), chapa (=meio de transporte público de propriedade privada), alarmar um carro (=instalar um sistema de alarme num carro)

abrir: fugir, sumir, cavar

admitir = autorizar²⁹

²⁹ «Eles não eram admitidos para chegarem lá» (Perpétua Gonçalves – *Português de Moçambique. Uma Variedade em Formação*. Maputo: Univ. Eduardo Mondlane. 1996. pg. 56).

Uma outra fonte de semantismo é a aproximação de campos lexicais. Por exemplo, *eliminar* é um lexema afim, quanto ao conteúdo, de *acabar com* e daí surge *eliminar com* a mesma regência de *acabar* (*eliminar com* e *acabar com*):

«...para eliminar com esta dificuldade»(Tempo 709: 44)

o verbo *insistir com (alguém)* situa-se na mesma área de conteúdo que *pedir a (alguém que)*, e surge *insistir a alguém que* como *pedir a alguém que*:

« Ai foi ter com uma servente, ... a quem insitiu que lhe fizessem o tratamento» (Tempo 682: 46)

o verbo *levar a que* está na mesma área semântica que *fazer com que* e o verbo *levar* toma a mesma regência que o verbo *fazer* na referida construção:

« Essa situação levou com que houvesse uma reunião ..»(Tempo 703: 40)

os verbos *repercutir-se em* e *estender-se a* pertencem ao mesmo domínio de conteúdo e um verbo afecta o outro:

« O exemplo daquela senhora devia repercutir-se a todos os trabalhadores..»(Tempo 708: 39)

Uma outra fonte de neossemantismos é, não já a incorporação do conteúdo de outras palavras próximas/afins no conteúdo de uma determinada palavra, mas a soma de duas palavras com esmagamento formal:

-*predisponto*: predis(posto) + pronto

ou a soma do conteúdo de duas palavras numa só:

acabar equivale a 'terminar + ficar': «acabar um mês num lugar»

Há um traço marcante dos africanismos, em geral, que é a valorização do predicado por uma modificação que é algo que explica (=determina /modifica) interiormente o predicado:

dizer pela sua resposta

chover chuva: «.. dois dias iam passar sem a chuva chover»³⁰

-uso de verbos genéricos e nomes a servir de predicado: ex. pôr.
pôr um grito
pôr explicações

³⁰ Em Angola verifica-se o mesmo fenómeno, e com mais frequência na linguagem dos musseques (L. Vieira- Luanda, 1ª ed.. 1963. pg. 11) como em *chover chuva*: «.. dois dias iam passar sem a chuva chover».

pôr uma derrota em alguém
pôr uma mentira

Estamos em presença de formas típicas de neosemantismo, com criações analógicas e reguladoras da língua.

-empréstimos:

-do inglês:

compound(e) (=compound): aldeamento para mineiros, facho (=*shovel*), farma, chuinga, flat, maningue (=many),

-das linguas bantu:

lobolo, lobolar (pagar o dote da noiva), lalalaca, pala-pala, panga-panga repetição de sílabas; xibalo, xitolo (loja), xiconhoca (reaccionário), machimbombo, capulana, machamba, madala, suruma, nhamussoro(=médico), mamana (mulher, mãe), txova-xitaduma (=carroça de tracção humana), mulungo(branco), canganhiçar(enganar), tingar(fugir).

Colocação:

-colocação dos clíticos

«quando alguém casa-se»

-a colocação dos determinantes:

«essas todas coisas»

-a colocação dos advérbios:

«sempre nessa altura eu preocupava-me»

Adaptação de **fraseologias**:

tremer como varas de caniço

não haver (em vez de *ter*) mãos a medir,

fazer a vida cara (negra) a alguém

dobrar os espinhos das micaias

defender-se que nem uma hlelwa

estar duro/ estar teso/ estar tchonado/ estar sem uma quin-henta

desaparece! / Suca!

não há maka! / Não há crise!

estar na ressaca / estar com babalaze

Estruturas sintácticas moçambicanas:

Há uma série de factos sintácticos denotadores de uma sintaxe

que vai ganhando alguns traços próprios. Estes factos estão a ser detectados e analisados por linguistas moçambicanos e, se não estão de acordo com a explicação e com a identificação da origem, não deixa de ser verdadeiro o facto da sua existência. Vejamos os factos:

a) Troca de lugar entre complemento directo (=cd) e complemento indirecto (=ci): ...

Era o comandante a explicar o tal major ci a situação militar (cd)

Demonstrou as outras mulheres ci o papel do destacamento feminino cd

b) Passivas frequentes e com marcas bem definidas:

A ocorrência de construções passivas, que tanto apresentam semelhanças com as transitivas do inglês, como com certas construções bantu, está a dividir os estudiosos: será o resultado dos contactos com o inglês, ou será antes o reflexo de construções próprias de línguas bantu? Limitamo-nos a apresentar os factos. Numas ocorrências ficamos com a impressão de estarmos em presença de decalques do inglês:

O irmão foi concedido uma bolsa de estudo

Os jovens são dados responsabilidades de família

Parece tratar-se de uma possível "passiva de dativo". Já em construções como:

Eu não estou para ser abusado por militares

As futuras vendedeiras dizem ter sido atribuídas o terreno pelas autoridades policiais

O que é importante aqui está estes homens terem sido nascidos em Moçambique

Ele não é gostado pela polícia

Para nós aquilo era normal! Ser batido

em que temos tanto passivas desviantes, em relação ao português europeu, como o resultado da tendência para a transitivização directa de verbos que são intransitivos ou transitivos indirectos. Vejamos os casos de *abusar de*, *nascer*, *gostar de*, *bater em*, *atribuir a*.

c) transitivização directa (tendência para a -):

Um fenómeno bastante generalizado é a eliminação das preposições nos chamados transitivos indirectos (ou preposicionados):

Os bandos armados sempre batiam as pessoas

Chegou na sala entregou o enviado

Riu-se tanto que os olhos saíram lágrimas
 Sempre tinha que assustar (= assustar-se com) qualquer barulho que houvesse
 Foram avisar os presentes a chegada inesperada ..
 Venha entrar connosco (=no) o novo ano de paz
 Nasceu (=dar à luz) dois filhos na Suazilândia
 Vivi muito tempo a pegar (=na) a enchada
 Eu precisei mais informações

Mas esta tendência parece ser contrariada por um outro facto, a troca do *cd* pelo *ci*:

A mãe meteu-lhe na escola
 Alguma coisa lhe atraiu

e mesmo nas construções pronominais reflexas há contrações:

O Fernando preferiu-se de tal rapariga
 A senhora desconfiou-se este senhor³¹

A explicação apresentada por Perpétua Gonçalves é a da saliência dado ao Beneficiário e/ ou ao complemento com o traço + ANIMADO / HUMANO.

Deve observar-se que não há regularidades nestes desvios: há apenas frequências. O mesmo falante pode empregar num mesmo enunciado dois factos diferentes:

Ele ia levá-lo de avião e depois deixava-lhe cair³²

Generalização da forma popular V-se:

- « .. constata-se problemas graves» (Tempo 530: 44)
- « ... verifica-se algumas anomalias» (Tempo 703: 55)
- « .. e se criou os Pesos Monetários»

Flexão generalizada do infinito:

« ...não sabemos como levarmos os depósitos de água ..»
 (Tempo 433: 53)

« os namorados procuram conhecerem-se ...» (Tempo 681: 51)

Além de muitos outros traços linguísticos comuns, tanto a

³¹ Exemplos extraídos de Perpétua Gonçalves – Op. Cit. pgs. 38 ess. . 49 e ss. Os exemplos aqui representados foram recolhidos de falantes moçambicanos que têm pelo menos 9 anos de escolaridade.

³² Cfr Perpétua Gonçalves – Op. Cit., pg 59.

Angola como a Moçambique³³, é a alteração do modo, sobretudo nas construções em que se exige o conjuntivo:

-depois de talvez:

« talvez aquele professor trabalhava a muitos quilómetros daquela feira» (Tempo 508: 59)

-nas frases imperativas negativas:

« Não goza, Inácia ..» (Vieira 1963: 54),

« Não esquece a sua perna» (Vieira 1963: 55), «Cala a boca, não chora.»³⁴

-nas frases completivas³⁵:

com verbos volitivo-causativos:

«queria mesmo ela sabia todas as coisas da vida dele..» (Vieira 1963. 28)

-com expressões valorativas:

Pena que não viemos caçar (Pepetela 1981: 28)

-com verbos performativos negados:

« Nós não dizemos que as mulheres não devem beber ...» (Tempo 437: 2)

Conclusão

Quem for à África lusófona e estiver atento ao falar português de cor africana tem a nítida sensação de que está perante um português mais colorido, mais matizado, mais enriquecido. O léxico sai enriquecido, a gramática está sendo regularizada por analogias de raiz africana, as construções revelam filtragens culturais múltiplas. Podemos dizer que o português europeu deixou há muito de ser o centro do “falar português”: essa monocultura da língua, tornou-se mais ecológica: ao colorido do falar português do Brasil, está a juntar-se a cor africana ao português.

Por outro lado, a África lusófona é um autêntico laboratório linguístico: culturas e povos, mitos e padrões de configuração do mundo, imagens mentais da vida e da língua, estão a ser caldeados em direcção ao futuro. Haverá nesses novos caminhos similaridades com os do português do Brasil: mas há necessariamente diferenças profundas. São “novas pátrias da língua” que estão a explodir em novos escritores, novas formulações e novas imagens do mundo.

³³ Não me referi ao português da Guiné-Bissau e Cabo Verde, porque a situação é muito diferente: crioulo e português andam lado a lado. Em São Tomé e Príncipe há uma grande proximidade da norma Santomense da norma europeia no português propriamente dito.

³⁴ Pepetela - Mayombe, 2ª ed., Lisboa, 1981, 181

³⁵ Nos enunciados em que ocorrem frases relativas também se verificam desvios em relação à norma europeia.

